

As aventuras de Pi, Scliar, Martel e outras feras

Catherine LAPOLLI | Rosaura Rotta PEREIRA

*“O cinema e a psicanálise são
incursões administradas ao inconsciente”*

Bunuel

Vamos nos aventurar, caros leitores? Nos aventurar, junto com Pi, a uma incursão, a uma viagem pelo cinema, pela literatura, pela psicanálise e por um pouquinho de nós, destino de todas as boas travessias. O tema viagem, a travessia da crise vital da adolescência e de um oceano bravio, o contar e recontar uma história, uma vida, um trauma são a bagagem para essa incursão. Ora literário, ora quase psicanalítico, o texto ilustra o que Freud escreveu:

“Os poetas, antes de mim, inventaram o inconsciente”.

E Yann Martel, autor das Aventuras de Pi, usou e abusou de literatura e psicanálise ao longo de seu texto...

“Mas contar uma coisa, usando palavras, seja em inglês ou em japonês, já não é de uma certa forma uma invenção? O simples fato de olhar para esse mundo já não é de certa forma uma invenção?... O mundo não é apenas do jeito que ele é. É também como nós o compreendemos, não é mesmo? E, ao compreender alguma coisa, trazemos alguma contribuição nossa, não é mesmo? Isso não faz da vida uma história?”

Pg 354

Essas palavras, resgatadas do fundo do livro, poderiam ser relíquias salvas do fundo do mar, ou do fundo de outro livro, escrito em bom “psicanalês”. Poderiam até ser resgatadas do livro “Max e os Felinos”, do nosso imortal mestre Moacyr Scliar (1981), quem sabe avô de Pi? “Max e os Felinos” guarda com “Pi s life” semelhanças na travessia do oceano rumo ao novo mundo (Max para o Brasil e Pi para o Canadá), no naufrágio, na sobrevivência dos adolescentes, no convívio com as feras (um jaguar e um tigre), evocando os mitos da arca de Noé, bem como a *lenda* da americanidade, segundo Zilá Bernd (2013). Duplicidade de origem, ligada a dois livros, dois mundos descritos pela mudança de um velho para um novo mundo, duplicidade de versões que o livro de Martel inspira, com as duas narrativas do protagonista, remete a duplicidade de funcionamentos do nosso aparelho de pensar pensamentos e de desfrutar obras de arte. A Prof Zilá afirma que com Max e Pi somos confrontados com a multiplicidade de

visões do novo mundo, múltiplo por essência, e Borges, em “O Jardim dos Caminhos que se Bifurcam” (1941), trata da multiplicidade apostando em mais versões ainda:

“Em todas as obras narrativas, sempre estamos diante de diversas alternativas, nos decidimos por uma e eliminamos as outras; naquelas(...) de Tsui Pên nos decidimos, simultaneamente por todas. (...)”.

Muitas passagens do texto de Yann Martel, aproveitando Scliar e Borges, sobrepõe “versões” ou “opções”, bem como condensam literatura e psicanálise, a começar pela própria maneira de montar esta obra. No livro/filme, Pi conta a história da sua vida com uma linguagem inconsciente e depois com uma linguagem consciente, mostrando o seu jeito de ver o mundo, com os seus significados. Pi “sonha” a sua vida e tem “pesadelos” que são os seus traumas, mas acima de tudo pede respeito a sua dor, contada e recontada pelas duas versões. Freud, que mergulhou no mar bravio da nossa mente, chamaria uma das versões de “conteúdo latente” (inconsciente), e a outra de conteúdo manifesto (consciente), e diria que nenhuma é mais real do que a outra, apenas uma nos fala da realidade *psíquica* e a outra da realidade *externa*. E assim, a *nossa* arte psicanalítica, passa por ouvir todos os relatos e sonhar as histórias contadas por nossos pacientes, ou sonhar seus sonhos não sonhados e gritos interrompidos (Thomas Ogden, 2010), por desbravar sua realidade psíquica *com eles*, construindo significados *juntos*, ou *transformações co-narrativas*, nas palavras de Antonino Ferro(2000). E, principalmente, por não *escolher* nenhuma versão como melhor do que outra...

Antonino Ferro, em “A Psicanálise como Literatura e Terapia”(2000), prepara (quem sabe *cria*?) nossa escuta para essa natureza de diálogo com o que recebemos de quem no oferece histórias (pacientes ou outros contadores):

*“Os personagens das narrações têm um estatuto (...) que vai desde uma referência histórica e real muito alta (...) a personagens autocentrados como aspectos e partes de um diálogo interior, até uma complexidade de articulações semânticas, de transformações, de significados abertos em contínuo **devir**, (...)”*

Então vamos ouvir Pi, quem melhor fala, sobre segredos, história familiar, números,... desde o início. Pi é um herói e um sobrevivente desde cedo, e o livro, em sua versão original tem o título de Pi's life, traduzido para as “As aventuras de Pi”. Talvez pudéssemos condensar: a vida de Pi é uma grande aventura, que nos convida a outra: pensar na nossa própria vida, nossa *odisséia*, cumprindo seu papel de obra de arte. Pi é um menino que passa a infância com a família na Índia, num zoológico onde moravam e o pai trabalhava. O texto sugere que nascer na Índia não é fácil, mas também pode ser criativo... Afinal, só pensamos quando nos frustramos, quando precisamos dar um jeito na vida, a criatividade é filha da *falta*.

“Essa história de dizer que a necessidade é a mãe da invenção é a mais pura verdade. E como!”

(Pg 169),

nas palavras de Pi, que lembram estas palavras de Bion (1967):

“Restringirei o termo ‘pensamento’ à união de uma pré-concepção a uma frustração”.

O primeiro capítulo da vida de Pi começa assim: “O sofrimento me deixou triste e melancólico...” e ‘pensador’, ou mesmo artista, Pi! Artista da sua história, permeada por memórias, desejos, frustrações e, as necessárias, construções. Seu pai era um administrador de hotel, que lhe dá o nome de Piscine, praticamente um fardo e não um nome a carregar... O pai jogou *águas limpas* no nome do filho, mas Pi sentiu seu nome impregnado de impurezas; recebeu seu primeiro “xixi” do pai... E esse caldo ainda entorna mais... Este pai passa a dirigir um zoológico, elo de ligação com sua mãe, botânica. O zoo tem hóspedes muito mais curiosos do que os de um hotel, que ensinam muito a Pi, pelo seu modo de ser, por serem o que Pi precisa: objetos transicionais entre seu mundo interno e o mundo externo, mais do que *bichinhos de estimação*. Seguimos nossa viagem por uma verdadeira fábula, com os animais humanizados pelos olhos de Pi, que começa conhecer o mundo assim:

“os hospedes (...) são abertamente depravados; em ambos os casos, estão o tempo todo afrontando a administração com cenas grosseiras de sexo explícito e de incesto...”

“Há em todas as coisas viva uma dose de loucura que as leva a ter atitudes estranhas, por vezes inexplicáveis. Essa loucura pode ser uma forma de proteção, é uma parte integrante da capacidade de adaptação. Sem ela, nenhuma espécie sobreviveria”.

Com muita condição de adaptação, Pi sobrevive a um nascimento tempestuoso, a um nome que fala muito sobre seu pai, e aos poucos sobre ele, e à entrada em um mundo ainda mais selvagem do que um zoológico: a escola. Essa selva de pedra leva nosso herói a procura de um mundo melhor, um mundo acima do nosso, o das religiões... Pi, já experimentando multiplicidade, flerta com três religiões: a muçulmana, a indu e a católica. Mas nenhuma religião sacia a fome de amor crescente de um adolescente crescente; o mundo só fica menos selvagem quando um ser iluminado (de carne e osso) o habita: o primeiro (segundo) amor. E, quando a natureza parecia seguir seu curso natural, o mesmo de todos animais, seu pai castra novamente Pi, agora com a mudança para o Canadá. Pi reage:

“Por que as pessoas se mudam? O que as faz se desarraigarem e deixarem tudo o que conhecem por um grande desconhecido além do horizonte? ... A resposta é a mesma em qualquer lugar do mundo: as pessoas se mudam na esperança de uma vida melhor.”

e aprende, com dor, que

“As pessoas se mudam por causa do desgaste provocado pela ansiedade. Por causa da sensação aguda de que, por mais que elas batalhem, os seus esforços não vão dar em nada; que o que construírem num ano vai ser posto abaixo por outros num único dia...”

A viagem para o Canadá, a travessia da adolescência, a mudança rumo a uma vida mais civilizada e próspera, enfrentam um forte naufrágio, que mata a infância e a família de Pi. Sozinho, Pi se desestrutura, e precisa recriar o mundo, incorporando o que perdeu, enfrentando o novo, e (re)conhecendo sua identidade;

“Quando a nossa vida esta ameaçada, o nosso senso de empatia é ofuscado por uma terrível e egoísta fome de sobrevivência”.

Com o perdão da palavra, traduzido pela vivência da “posição esquizoparanóide” por Melanie Klein, Pi. Posição que compreende a *cisão do ego*,

“(...)um dos mais antigos mecanismos de defesa do ego contra a ansiedade. A introjeção e a projeção também são usadas desde o início da vida a serviço desse objetivo primário do ego. A projeção, tal como Freud descreveu, origina-se da deflexão da pulsão de morte para fora, e, ao meu ver, ajuda o ego a superar a ansiedade livrando-o de perigo e de coisas más. A introjeção do objeto bom é também usada pelo ego como uma defesa contra a ansiedade.”

Klein (1946)

Pi, ora atravessando tempestades, ora calmarias, alterna a posição esquizoparanóide com a depressiva, elaborando seus lutos:

“Perder um irmão é perder alguém com quem se pode compartilhar a experiência de crescer; alguém que pode teoricamente lhe dar uma cunhada e sobrinhos, criaturas que vão povoar a árvore da sua vida e lhe dar novos ramos. Perder o pai é perder aquele cuja orientação e cuja ajuda procuramos; aquele que nos apóia como o tronco apóia os ramos. Perder a mãe, bom, é como perder o sol acima de nós. É como perder, desculpem, prefiro parar por aqui...”

Pi, Moacyr, Yan e Freud ensinam que elaborar os lutos pela vida afora é boa parte da arte, arte de viver! Viver o que somos, o que sentimos, viver nossa relação conosco e com os outros, que são também parte de nós mesmos. Elaboramos lutos pelos nossos que deixamos para trás, vivos ou mortos, lutos pelo que fomos e não somos mais, crescemos, matamos um tigre por dia, esse é o mistério... E misterioso é como faremos nossa travessia da vida,

“Não me dei conta de todos estes detalhes -e de outros tantos- de imediato. Eles foram sendo observados com o tempo e em função de alguma necessidade. Por vezes, ficava

na maior enrascada, tendo pela frente um futuro sombrio, quando uma coisinha qualquer, um pequeno detalhe se transformava e se mostrava à minha mente sob uma nova luz. (...) Isso aconteceu inúmeras vezes.”

Pg 169

Tantas quantas a perda de um objeto amado exige para que

“(...) uma catexia objetal seja substituída por uma identificação.”

Freud (1915)

Estes movimentos (internos e externos) fazem parte da construção da balsa de Pi, que carrega seus objetos internos, e agora só internos, para seguir adiante. Ficam para trás o pai e o irmão no primeiro naufrágio, carregados pelo complexo edípico. Depois, ficam para trás o cozinheiro/hiena, o budista chinês/zebra, e, com muito mais dor, a mãe/orangotango. Superados assim a batalha edípica, os impulsos mais destrutivos, o pensamento mais mágico e pueril e, ainda mais, os desejos incestuosos, Pi se prepara para completar a travessia, que passa por superar suas próprias limitações com seus melhores recursos...

“Preciso dizer uma coisa sobre o medo. Ele é o único adversário efetivo da vida. Só o medo pode derrotá-la. É um adversário traiçoeiro, esperto... Como eu sei disso! Não tem nenhuma decência, não respeita leis nem convenções, não tem dó nem piedade. Procura o nosso ponto mais fraco e o encontra com a maior facilidade. Começa pela mente, sempre. Num momento estamos nos sentindo calmos, confiantes, contentes. Ai o medo, disfarçado sob a capa de uma ligeira dúvida, se infiltra na nossa mente como um espião. A dúvida vai ao encontro de descrédito e o descrédito tenta expulsá-la dali. Mas ele não passa de um soldado de infantaria com um armamento deplorável. Sem maiores problemas a dúvida consegue vencê-lo. Começamos a ficar ansiosos. A razão entra em cena para lutar por nós. Ficamos mais tranquilos. Afinal, ela esta equipada com equipamentos da mais alta tecnologia. Mas, para nossa surpresa, apesar da superioridade das suas táticas e de uma quantidade inegável de vitórias, a razão é derrotada(...)”

Pg 354

Calma Pi, calma leitores... A derrota da razão é só o limite do inconsciente, nem sempre tão traiçoeiro quanto uma tempestade em alto mar! Às vezes aliado, às vezes balsa que abriga o que temos de mais nosso, nosso inconsciente é o que ninguém nos tira, nossa natureza, nossos impulsos de *vida*! Impulsos poderosos, nosso kit de sobrevivência! Nos apropriamos de nós mesmos quando temos coragem de abrir a nossa caixinha, quando até curtimos o que encontramos lá dentro...

“Tem mais uma coisinha, porém, que preciso confessar. Vou lhe contar um segredo: parte de mim estava feliz pela presença de Richard Parker. Parte de mim não queria absolutamente vê-lo morrer porque, se isso acontecesse, eu ficaria sozinho com o desespero, um adversário muito mais assustador do que um tigre. Se ainda tinha vontade de viver era graças a Richard Parker. Ele me impedia de ficar pensando demais na minha família e nas trágicas circunstâncias em que me encontrava. Ele me empurrava para continuar vivendo. Eu o odiava por isso, mas, ao mesmo tempo, lhe era extremamente grato. Na verdade lhe sou grato. Essa é a pura verdade: sem Richard Parker eu hoje não estaria vivo para lhe contar a minha história.”

Pg 198

Uma história realmente viva, que faz viver muitas outras dentro de nós, até as nossas. Nesta obra, Pi *reconhece* que representa a si, a sua mãe, ao cozinheiro do navio francês e ao budista pelos animais que carrega na sua “arca”: o tigre, a orangotango, a hiena e a zebra. Também *reconhece* partes de si em cada um desses personagens: sua herança da mãe, sua ética, seus sentimentos mais sórdidos, sua religiosidade. Caros leitores, nem sempre nossos pacientes nos contam suas histórias e seus sofrimentos de forma tão rica e bonita, tão literária quanto Pi, ou como nosso imortal Moacyr e o premiado Yann Martel. Nos cabe então criarmos uma forma de **ouvir** suas vidas, ou aventuras, com arte, como ensinam Antonino Ferro e Thomas Ogden. Carregamos na “nossa balsa” nossos Freud, Klein, Bion, Ferro, e, com licença, Scliar. Scliar, mestre na graduação de medicina e graduado da Academia Brasileira de Letras, se fez ouvir por muitos de nós e por Martel, e aqui fica nosso muito obrigado por tudo...

Referências Bibliográficas

Martel, Y. As Aventuras de Pi. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

Scliar, M. Max e os Felinos. Porto Alegre: L&PM, 2013.

Ferro, A. A Psicanálise como Literatura e Terapia. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

Bion, W. R. Estudos Psicanalíticos Revisados. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

Klein, M. [1946] Inveja e Gratidão. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

Freud, S. [1915] Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

Ogden, T. H. Esta Arte da Psicanálise: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos. Porto Alegre: Artmed, 2010.

